

APRESENTAÇÃO

Publicar esse número da Revista Feminismos tem um significado especial de resistência, nesse momento em que uma das faces mais nítidas do retrocesso e do conservadorismo que marcam a vida sócio-cultural e política do Brasil, tem sido o ataque frontal ao feminismo e à questão de gênero. Nosso número, nesse sentido, vem celebrar especialmente a vitalidade do feminismo/dos feminismos em sua importante contribuição para as lutas emancipatórias, para o pensamento crítico, para a democratização das relações e questionamento das hierarquias, para a denúncia das desigualdades. Os artigos apresentados revelam como os estudos sobre gênero e feminismos são indispensáveis para a compreensão da complexa extratificação da sociedade contemporânea, com suas várias expressões de desigualdade e opressão e sua multiplicidade de sujeitos. De modo especial, mostram também que esse campo de estudos, em suas diversas faces e proposições, tem inspirado intelectuais de áreas distintas, em seu confronto com realidades específicas, a adotarem as “lentes de gênero”, o que parece configurar importantes desafios políticos e teórico-metodológicos, expressos nos trabalhos. Reunimos, então, produções de intelectuais experientes, bem como de pesquisadoras mais jovens, oriundas de diversas áreas e contextos.

Apresentamos brevemente cada um dos trabalhos.

O artigo *O lugar do “afro”: feminismos negros vs feminismos africanos* de Catarina Isabel Caldeira Martins, professora da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Portugal e investigadora do Centro de Estudos Sociais, propõe uma análise de elementos dos feminismos africanos de modo a ensinar, a partir de tais elementos, uma reflexão sobre os feminismos negros, sobretudo nos Estados Unidos e no Brasil. O argumento que conduz esse exercício parte da premissa de que o feminismo é, antes de tudo, uma política de identidades e, sendo assim, os diversos feminismos só podem ser compreendidos em sua relação com os contextos de onde surgiram e se desenvolveram, uma vez que tais aspectos são decisivos para a conformação de suas construções identitárias e, pois, de suas diferenciações teóricas e políticas. Para a

autora, esse seria também o caminho para que as diversas vertentes do feminismo possam efetivar sua contribuição para as lutas comuns contra o patriarcado, o capitalismo e o colonialismo. A principal distinção que é feita pela autora situa-se na explicitação das fronteiras conceituais, identitárias e programáticas entre os feminismos oriundos de dois contextos distintos. Aquele proveniente de sociedades multiculturais, marcadas por processos de diáspora, escravidão e desterritorialização e cuja identidade se constroi em torno da cor da pele como símbolo de uma origem comum e de uma mesma opressão — como o feminismo negro do Brasil e Estados Unidos. E aqueles advindos de sociedades multiétnicas, mas com população majoritariamente negra em que a opressão se manifesta, sobretudo, nas desigualdades de classe entre pessoas da mesma raça. Os dois movimentos recuperam e reconstróem imagens diferentes da África e do « afro » as quais são objeto de exame detalhado.

O texto *A Primavera das Mulheres: Ciberfeminismo e os Movimentos Feministas* tem também, na questão da identidade, o eixo central para discutir o movimento feminista. Nele, Zeila Pereira Dutra, mestrandia em Sociologia pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), busca recuperar o papel da tecnologia na organização dos movimentos feministas, destacando o ciberfeminismo como uma das expressões dessa relação entre tecnologia e movimento social. Desse modo, o texto propõe, como indicativo para uma possível leitura da realidade contemporânea, uma noção de identidade pautada na possibilidade de transgressão das fronteiras de tempo-espaço, mas ao mesmo tempo, fincada em territórios bem precisos de reconhecimento e identificação, como no caso dos inúmeros *blogs* e *hashtags* que surgem em torno de uma campanha específica que movimenta a Internet. A autora destaca também o impacto do ciberfeminismo, tanto nas mudanças sociais de comportamento, quanto em termos de decisões políticas mais amplas, elementos que afetam concretamente a vida das mulheres.

O debate sobre a mulher negra é retomado no texto *Narrativas das mulheres em situação de prostituição do Centro Histórico de Salvador: reflexões interseccionais*

sobre gênero, raça e classe, de Gilmara Lisboa Santos, assistente social e doutoranda do PPGNEIM. Aqui, o tema é tratado a partir das reflexões teóricas do feminismo negro e da noção de interseccionalidade. O recurso ao feminismo negro, nesse artigo, busca demarcar uma posição crítica em relação, tanto aos debates que partem exclusivamente da classe como categoria explicativa para a compreensão da realidade das mulheres negras, quanto à produção acadêmica feminista que secundariza a categoria raça na análise das relações sociais. O artigo debate essas questões em referência ao tema da prostituição, mote da pesquisa de campo realizada pela autora em sua dissertação de mestrado. Assim, o texto nos oferece trechos das narrativas de mulheres que exercem a prostituição, analisados sob uma perspectiva de intersecção entre as dimensões de raça, classe e gênero. Os dados revelam hierarquias e assimetrias vivenciadas por essas mulheres nas relações travadas, por exemplo, com as mulheres brancas e com os homens.

As imbricações entre os diferentes marcadores de opressão são também o eixo teórico do texto *Gênero, raça e classe: um olhar sobre a violência simbólica no cotidiano da universidade*, de Lorena Bezerra, antropóloga da UFRN. Nesse trabalho, baseado em pesquisa de campo realizada pela autora, o objetivo central é compreender as representações que três mulheres – membros do Diretório Central de Estudantes (DCE) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), militantes da Marcha Mundial das Mulheres e integrantes do Coletivo Kizomba –, têm a respeito das violências simbólicas sofridas ou presenciadas no cotidiano da universidade. A pesquisa com essas mulheres foi feita por meio de entrevistas e observação participante. Para compreender as representações sobre a violência, a autora busca subsídios em diferentes vertentes teóricas de interpretação das relações entre raça, classe e gênero, mas o enfoque central é dado à dimensão simbólica das opressões como um aspecto efetivo nas diversas manifestações de violência. As narrativas das entrevistadas trazem relatos dos assédios sexuais e morais no ambiente universitário, mostrando como estão atrelados a formas combinadas de racismo e sexismo; mostram também a vivência de privações

simbólicas e materiais relativas à permanência na universidade.

Ainda tematizando a educação, mas pensando a formação profissional, o artigo *O lugar das discussões de gênero na formação de assistentes sociais do Paraná* de Glacielli Thaiz Souza de Oliveira, Tânia Gracieli Vega Incerti e Lindamir Salete Casagrande, pesquisadoras do Núcleo de Gênero e Tecnologia da Universidade Tecnológica Federal do Paraná-UTFPR, busca conhecer o *lôcus* da discussão sobre relações de gênero na formação acadêmica em Serviço Social. Para tal, as autoras desenvolveram uma pesquisa de campo com base em questionário virtual destinado às/aos coordenadoras/es de curso de Serviço Social do Paraná. A discussão proposta parte da defesa da necessidade de inclusão da discussão sobre as relações de gênero no processo de formação profissional das/os assistentes sociais o que é justificado pelo fato da realidade de trabalho dessas profissionais ser atravessada pela questão de gênero, das mais diversas formas. Assim, há um questionamento acerca da incorporação tardia do tema no interior dos cursos, mas também o reconhecimento de que esse é um diálogo que, de algum modo, vem ocorrendo. O texto recupera ainda a trajetória das relações entre o Serviço Social e os estudos de gênero.

Após a seção de artigos, apresentamos nosso dossiê temático. Nesse número, trazemos o tema *Envelhecer no feminino* com sete artigos sobre diferentes aspectos da velhice de mulheres, daquelas que são representadas no espaço público e das que são invisibilizadas, sobretudo pela violência das relações, das instituições e das epistemologias que ainda silenciam esse lugar e esse processo. Em conjunto, os artigos debatem temas como a violência, a sociabilidade nos grupos de convivência, a solidão, a aposentadoria, os movimentos de aposentados, o trabalho, o corpo, as memórias, conduzindo-nos a importantes debates do nosso tempo, a partir das especificidades atinentes a esse “lugar social” pouco conhecido e debatido: a velhice feminina. O dossiê é organizado por Alda Britto da Motta, Josimara Delgado e Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti, docentes do PPGNEIM.

Finalmente, em nossa *Entrevista*, reproduzimos trechos da conversa com a educadora e escritora Iray Galrão, realizada por Alda Britto da Motta, Josimara Delgado,

Vanessa Cavalcanti, Márcia Tavares e Clarice Costa Pinheiro. A convite da *Feminismos*, Iray Galvão, gentilmente, concedeu a entrevista no PPGNEIM. Durante a conversa, nossa convidada discorreu especialmente sobre as fontes de seu trabalho atual como “guardadora e contadora de histórias”, situadas, segundo ela, na longa trajetória de experiências e aprendizados, sempre conduzidos pela ligação com suas raízes familiares e ancestrais, advindas da religiosidade de matriz africana. No diálogo com as entrevistadoras, esse eixo se expressou em múltiplas imagens e lembranças sobre sua vida, sobretudo relacionadas ao trabalho, sempre comprometido com o enfrentamento de violências, injustiças e preconceitos. O envelhecimento também foi mote da entrevista, traduzindo-se nas estratégias que Iray Galvão vem tecendo para lidar com a passagem do tempo: a opção pelo coletivo e pela arte.

Assim, esse é um número que nos ajuda a pensar as muitas latitudes do campo de estudos de gênero a partir de sua modulação em contextos específicos. Do mesmo modo, somos instigadas a refletir acerca de como a instituição de campos de saber, com seus discursos e categorias, tem efeitos no real, instituindo novas formas de representar as relações sociais e de identificar sujeitos e contradições, o que rebate na reorientação de práticas acadêmicas e políticas. Vamos, pois, à leitura e ao debate.

Saudações feministas!

Márcia Santana Tavares, Maise Caroline Zucco, Maira Kubik Mano, Josimara Delgado, Clarice Costa Pinheiro, Cecilia Maria Bacellar Sardenberg e Ângela Maria Freire de Lima e Souza.